



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Inveja (Uma Novela Académica)', de Mário Avelar]

Yvette K. Centeno

Para citar este documento / To cite this document:

Yvette K. Centeno, "[Recensão crítica a 'Inveja (Uma Novela Académica)', de Mário Avelar]", *Colóquio/Letras*, n.º 175, Set. 2010, p. 202-205.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

NOTA

¹ Para se ter uma ideia do impacto e das consequências internas e externas para o país numa década, calcula-se que «dos dois milhões e duzentos mil emigrantes que se estima saíram de Portugal entre 1926 e 1974, cerca de um milhão e meio (aproximadamente dois terços das partidas) ocorreu entre 1961 e 1974 [...]. A atracção pela França foi de tal forma intensa durante este período que a comunidade portuguesa, que em Dezembro de 1963 contava aproximadamente 100 mil pessoas, quintuplicou entre 1964 e 1969, atingindo 759 mil pessoas no recenseamento de 20 de Fevereiro de 1975» (*Dicionário de História de Portugal*, vol. VII, coord. António Barreto e Maria Filomena Mónica, Lisboa, Figueirinhas, 1999, p. 615-6).

Mário Avelar

INVEJA

(UMA NOVELA ACADÉMICA)

Lisboa, Assírio & Alvim / 2010

Uma vez começada, a leitura torna-se imparável e impagável. Devia ser obrigatória para todas as idades. E, não nego, em especial para aqueles que, como alguns de nós, viram de longe ou viveram por dentro o desenrolar dos acontecimentos narrados com tanta verve por Mário Avelar no seu romance. Hesito na designação a escolher: romance de formação, lembrando o *Bildungsroman*, embora se trate de uma novela? Sem dúvida, ao menos em parte; *roman-fleuve*, pela energia de fôlego único, no único parágrafo que o sustém ao longo das quase duzentas páginas?

Desde logo se percebe que ali veremos passar um filme crítico dos tempos, dos modos e das modas que nestas últimas décadas enformaram e deformaram até ao declínio vigente a sociedade portuguesa, em ambas as esferas, académica e política.

Nada escapa ao crivo irónico, e quase cruel de tão dolorosamente verdadeiro, do autor: os tiques sociais, culturais, académicos, políticos — todos serão minu-

ciosamente escrutinados e em todos eles se detectará um dos piores defeitos, para além da Inveja que dá título ao romance, das boas gentes de Portugal (que já foi melhor, ou terá sido sempre assim? Há que reler os clássicos...): o da Emulação. Não como impulso virtuoso, de imitar em qualidade alguém que se admire, mas como impulso mais negro de superar alguém que não se admira mas precisamente se inveja e se quer ultrapassar a qualquer preço. Regra geral, o preço do carácter. Pois se até o carácter agora perdeu o *c*, com o acordo ortográfico... este novo *carácter* também já não vale grande coisa.

Aqui, ler é um prazer. Sentimo-nos vingados? Nós, os «derrotados» de que Mário Avelar fala no romance, brincando com um comentário de Carlos de Oliveira? Sem dúvida. E lá está: a vingança, ou o sentimento dela, também não é um nobre sentimento.

Mas é que nós, leitores, directos ou indirectos cúmplices do autor, não somos melhores, somos mesmo assim; uma vingadinha bem servida, ao modo queiro-siano... ajuda a esquecer outros desgostos.

O herói descrito, com o seu presente e com o seu passado (principalmente o seu passado) num percurso miudinho, feito através de partidos, de cargos, de postos, convites e situações em que sucessivamente se sente promovido e protegido numa carreira de puro carreirismo, não é de facto apenas um indivíduo: adquire, ao longo da descrição que é feita dos «sucessos» da sua vida, até nos detalhes mais íntimos, a dimensão de um herói colectivo. Ele não é um, mas muitos, mas todos, ele é o povo, o tal bom povo de que se fala e de que vemos a representação na Assembleia da República em ano de Comemorações!

Penso, e não acho que seja a despropósito, na figura do Gama como herói da epopeia colectiva de *Os Lusíadas*. Este aqui

chamado Francisco é um herói colectivo, uma espécie de reverso do Gama antigo que já ninguém sabe quem é. Ele também se inscreve no país que temos e com ele nos inscreve a todos nós (o filósofo José Gil gostaria do uso que fiz deste conceito de inscrever-se...).

Haverá uma lição a tirar desta prosa tão crítica? Certamente.

Chegou a hora de nos vermos reflectidos nela, de ali nos vermos ao espelho, como Alice, não no País das Maravilhas, mas no País dos Desperdícios, onde nestas últimas décadas as gerações tiveram apenas como objecto de desejo o poder e o dinheiro: o poder que arrasta consigo o dinheiro e/ou o dinheiro que arrasta consigo o poder. Tudo rápido e tudo fácil, de preferência.

Mário Avelar é académico, além de escritor, e essa sua qualidade, como em David Lodge, Malcolm Bradbury, Umberto Eco, eventualmente noutros de que não esconde ser admirador, nota-se no que escreve: uma parte da grande literatura universal (também portuguesa, com destaque para Camilo) atravessa, em referência, o seu romance; como também o atravessa toda a evolução dos processos (não digo progressos, note-se) do meio académico em Portugal: reformas e mais reformas, sem que nunca o verdadeiro mérito — de alunos ou de professores — fosse a verdadeira e substantiva razão. Viveu por dentro (sem perder a capacidade crítica que a inteligência, a honestidade intelectual e o bom senso impunham), na juventude e na maturidade, todos os «processos revolucionários em curso», algo que já encontramos no seu primeiro romance, embora com menos acutilância.

A experiência de vida foi aumentando o natural conhecimento dos mundos: dos maiores e dos mais pequenos...

Na página 129 e seguintes desta novela académica, como indica o subtítulo,

presta-se homenagem aos professores cuja vocação foi sincera e foi digna, e que surge a propósito de uma conversa com outra personagem, de nome Adriana, recém-doutorada. Equilibra um prévio aviso de outro colega que se iria jubilar: «Agora é que vai ser a sério. Agora é que vai ser a doer, Adriana; inveja, maledicência, ódios. Quanto mais alto chegares na carreira, quanto maior for o teu sucesso académico, maior será a inveja, maior será a maledicência, maior será o ódio. Gentinha, absolutamente inexistente...»

Na página 130 surge então o eco do que a profissão trará de bom: os alunos, a sua memória grata por terem aprendido mais do que sabiam, pelo empurrão dado na hora certa, que ajudou a modificar as suas vidas, etc., etc. Além da satisfação do dever bem cumprido, o professor terá como recompensa a gratidão futura de alguns alunos (nem todos...).

Mas não é tanto da experiência académica que o autor nos deseja falar e sim dessa gentinha que o herói único, mas tragicamente colectivo, representa. Na página 131 não se coíbe: «Por uma questão de equilíbrio cósmico [referência às anteriores pessoas de bem] havia os tais *carreiristas, ignorantes, medíocres e provincianos*. E *pulhas*, pensou, lembrando o episódio...»

Mas pior do que tudo isso, que vem de trás e continuará, são as marcas de perpétua imbecilidade que frases e escolhas como esta que Mário cita — «*aprender a aprender*» — vão deixar no país (p. 139). Nas páginas seguintes se falará do *eduquês* e dos seus malefícios, já transitando do espaço do liceu para o das universidades, ou seja, para sempre e para o mundo, a começar pelo mundo da política, de que o herói será exemplo.

Num romance, neste caso novela, o princípio e o fim são de enorme importância. Isto mesmo se verifica e, deste ponto

de vista, a obra de Mário Avelar poderia ser um *study case* num manual de Escrita Criativa. Está na moda, bem sei, e não serve de nada; quem quer escrever, o que deve fazer é ler (ler muito) e escrever. Mas dou o exemplo por isso mesmo: o mérito não se aprenderá em nenhum manual, e deriva nestas páginas do grande poder de observação e crítica do autor, do seu estilo de captação voraz e veloz, afinado ao detalhe. Uma nova prosa, uma nova escrita, de nova geração. Ah, mas suportada em imensa cultura (leitura), como o leitor atento poderá concluir.

Quando a história começa, o herói acabou de tomar posse do cargo de presidente do Instituto Camões. No que pensa? Nas novas responsabilidades? Nada disso...

Pensa em qual será a marca da caneta do ministro, que afinal não é a que ele julga... e logo a seguir fixa-se no relógio... — assim fica desde já definido o perfil da personagem. Mediocre, mente vazia fixada em minudências que virão a ser de porte para a sua carreira (o país tem o que merece). Passo a citar:

«Ao erguer os olhos da página onde acabara de inscrever Francisco de Villa-Verde, e enquanto fechava a *MontBlanc* de tinta permanente que entretanto retornava ao bolso interior superior esquerdo do casaco [...] vislumbrou a caneta do Ministro, e, para espanto seu, e, vá-se lá saber porquê, quando se possui uma *MontBlanc*, com uma pontinha de inveja, constatou que esta não era uma... *MontBlanc*, mas sim uma... uma... uma... afinou os olhos e tentou desvendar a marca da caneta... de prata? Seria de prata? Era de prata, certamente. Um fulano como este não ia andar com um pechisbeque qualquer comprado na loja dos chineses» (p. 11-2).

E assim por diante, agora com o relógio:

«Aquele gajo tinha mesmo gosto, meditou de si para si. Seria um Rolex? Foi incapaz de reprimir o sussurrado comentário, seguido da pergunta sobre a dúvida que o agitava: 'Não consegui deixar de reparar no seu relógio. É um...? Aguardou expectante.' 'Bulova', esclareceu o Ministro, ao mesmo tempo que, de si para si, comentava que o seu interlocutor tinha mesmo muita falta de chá. [...] Bulova? Estranho! Nunca tinha ouvido falar! Seria uma marca russa... romana? Ou búlgara, até?» (*ibid.*)

As descrições de Mário Avelar não são arbitrárias, tocam na essência de um comportamento: sabe-se que os funcionários, mesmo ou mais ainda os de altos cargos, não hesitam (ou serão mesmo aconselhados, por colegas, amigos, mulheres ou amantes, conforme) em comprar as mesmas marcas de gravatas (ultimamente a moda é lisa, de seda de uma só cor), com tempo e mais algum dinheiro, ir ao mesmo alfaiate, comprar marca de carro igual ou muito próxima em valor, arranjar perto da casa do chefe a sua segunda casa, ou o seu primeiro andar, de mão de arquitecto conhecido, etc., etc.

As descrições do nosso autor, logo nas primeiras páginas do livro, definem e caricaturam um comportamento que se tornou visível e risível e infelizmente vulgar.

Finalmente, esta posse do cargo de presidente do Instituto Camões, atravessada pelo sistemático relato de uma e mais vidas com e sem as habituais atribuições, culmina no que se espera: o inefável prazer de passar a ser conduzido, com ou sem a família, por um *chauffeur*, ainda que sem *farad* ou sem boné (coisas da democracia...), num belo BMW que desde o início aguardava que a cerimónia terminasse.

E não são menos irónicas nem menos oportunas as considerações com que o autor encerra o curso dos pensamentos deste Senhor Presidente:

«Colocar-se-ia, então, o primeiro dilema nas suas novas funções: deveria sentar-se à frente, ao lado do Sr. Belarmino, ou atrás? À frente transmitia uma certa virilidade, um certo ar de dinamismo democrático, mas corria o risco de parecer ir à boleia do motorista. Acima de tudo, perdia-se o gozo de mostrar ao *popolo minuto* que ele não era igual a eles. Aliás, agora, com estas modas democráticas de não usar boné, nem sequer se percebia que ele tinha motorista; aliás *chauffeur*. Atrás era mais confortável; podia ler o jornal espaçosamente, para além do gozo óbvio de exhibir perante o mundo que ele, *lui*, era *quelqu'un* e não um *quelconque*» (p. 174).

Entre o começo e o fim do livro, que em pinceladas fortes nos dá a ver tudo o que de pior vai acontecendo na esfera da política, outra lição nos é proposta: a de lermos nas entrelinhas os autores da grande literatura que frequentemente são citados ou evocados, e nos lembram que há mais mundo para além do apertado mundo do espesso e caricato Villa-Verde.

Mário Avelar demonstra, enquanto ironiza, uma cultura musical que a muitos especialistas faria inveja, uma formação literária e artística que a todos os que de verdade amam a literatura e a arte devolvem a esperança. Foi o meu caso, e será o caso de muitos outros leitores como eu.

Terá esta novela chegado a tempo? Não apenas de nos divertir, de nos instruir sobre o teatro do mundo, mas também de obrigar os responsáveis a que emendem a mão? Bem sei, como La Rochefoucauld, que «é grande loucura querer ser sábio sozinho» (*Máximas*, 231). Mas La Rochefoucauld também nos lembra que «a inveja é mais irreconciliável do que o ódio» (*ibid.*, 328).

Então torna-se indispensável, como fez o autor, pegar na pena e lutar.

Yvette K. Centeno

Rui Vieira

VOZES NO ESCURO

Lisboa, Edições Nelson de Matos / 2010

Depois de em 2005 ter publicado *Guardador de Almas*, o seu primeiro romance, chegou-nos, no início deste ano, uma terceira e feliz incursão de Rui Vieira pelos caminhos da ficção romanesca. É de um espaço de clausura e de solidão, de um tempo dominado pela opacidade da neblina que envolve o convento, tempo e espaço propícios à mistificação dos mistérios das trevas, que se fazem ouvir estas *Vozes no Escuro*. O romance organiza-se em quatro partes que se constroem em torno dos quatro elementos primordiais: o fogo, a água, o ar e a terra, relembrando deste modo a intrínseca ligação entre a(s) existência(s) humana(s) e a natureza, como se, ostensivamente, quisesse inscrever as acções do Homem numa dimensão cosmogónica.

A narrativa dá conta da longa meditação de uma noviça que durante seis dias é enclausurada na sua cela, a única que resistiu às adversidades (sobretudo incêndios de enormes proporções) que assolaram o convento, por ter recebido uma carta do primo, perigosamente íntima aos olhos reprovadores da hierarquia conventual. Presa e sem qualquer contacto com o exterior, mesmo se vedado à agitação social, a noviça enceta um longo monólogo interior onde dá conta das circunstâncias que a trouxeram até ao convento, das decisões da mãe, da ausência do pai, da silenciosa cumplicidade com a avó enferma. No entanto, e ainda na primeira noite, os pensamentos íntimos e intimistas dão lugar a uma perturbante polifonia de vozes. É quando as actividades cessam no convento, é com o cair da noite, que a noviça acorda e vive, dando desse modo igualmente vida e voz aos seres fantasmagóricos que se apoderam dela e a possuem.